

Boletim do Centenário

3

BOLETIM DO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO & REPÚBLICA

DEZEMBRO DE 1987

O Boletim do Centenário chega ao seu terceiro número seguindo o propósito básico de sua origem, que é divulgar as manifestações referentes aos centenários da Abolição e República. Registramos o pronunciamento do Ministro da Cultura, Celso Furtado, divulgado recentemente por sua assessoria, e no qual ele reafirma a importância de que "se discuta a ampliação dos direitos de cidadania no momento em que procede o balanço dos cem anos da liquidação do sistema que se definia precisamente pela negação da cidadania a produtores diretos da riqueza".

O pronunciamento foi divulgado junto com o relatório "Considerações e Propostas", da Coordenação de Etnias do MINC, que traz uma série de sugestões e metas referentes às comemorações do Centenário da Abolição. Ainda segundo o Ministro da Cultura, Celso Furtado, "a emergência de uma sociedade civil negra militante entre nós é um dos fatos marcantes da época atual".

O nosso entrevistado, Martinho da Vila, reflete sobre negritude, militância e diz que o 13 de maio de 88 será mais uma data de reflexão. Para ele, é só em novembro, quando se celebra a Semana Zumbi, que acontece no Brasil a grande festa da liberdade.

Queremos registrar o pedido de instituições e pessoas de vários Estados para que enviássemos os números anteriores do Boletim do Centenário. Isso, contudo, não poderá ser feito pois as edições do Boletim 1 e 2 encontram-se esgotadas. Os interessados receberão este número 3, assim como os seguintes.

UNICAMP

O Departamento de História da UNICAMP está organizando uma série de atividades a serem realizadas no período de 9 de maio a 10 de junho de 88, visando as comemorações do Centenário da Abolição. Para isso serão programadas mesas-redondas para o público em geral, com a participação de professores convidados do Brasil e do exterior, sobre os seguintes temas: Leituras da escravidão; os historiadores e os arquivos da escravidão; trabalho, disciplina e integração social; historiografia da Abolição; Abolição e República: aspectos ideológicos; trabalho e cidadania; cultura e racismo na era dos Impérios. Está também prevista uma série de conferências e seminários destinados a tratar as visões comparativas sobre a abolição e o significado de liberdade para os ex-escravos, assim como problemas concretos de bibliografia, metodologia e fontes.

Os interessados em participar dos eventos devem se comunicar com o Prof. Peter L. Eisenberg, Departamento de História da Universidade Estadual

de Campinas, Caixa Postal 1170, CEP 13100, Campinas, SP.

Simpósio da Abolição

UFF, UFRJ, UERJ realizam, de 7 a 9 de dezembro, na Universidade Federal Fluminense, o Simpósio Nacional "A Escravidão e a Abolição no Brasil em seu contexto mundial", contando com financiamento do CNPq.

As três instituições promovem também conjuntamente, em agosto de 88, o Congresso Internacional "Escravidão e Abolição numa Perspectiva Continental". Tanto no simpósio nacional quanto no internacional serão discutidos os seguintes temas: A escravidão e outras formas de trabalho compulsório nas Américas; a abolição da escravidão e as formas de transição ao trabalho nas Américas; o tráfico negreiro, a população escrava e o comércio atlântico; escravidão e abolição na cidade e na capitania/província do Rio de Janeiro.

O Congresso internacional contará com a presença de especialistas brasileiros, norte-americanos, europeus e do Caribe.



**PRETOS FORROS
LUANDA
SAMBIZANGA**

MARTINHO DA VILA, PÁG. 3.

OPINIÃO

A abolição da escravidão nas Américas: visão panorâmica

Ciro F. S. Cardoso

Da revolução social e posteriormente nacional do Haiti, começada em 1790, à última abolição da escravidão — a brasileira de 1888 — passou-se aproximadamente um século. Um processo histórico que se estende por cem anos tem de ser muito complexo e diversificado. Se quisermos, ao preço de alguma simplificação, estabelecer uma periodização, poderemos distinguir duas grandes fases:

1) a primeira, iniciada em 1790, se estende até 1850: a insurreição dos escravos e quilombolas de Saint-Domingue, futuro Haiti, mudou a partir de agosto de 1791 os dados do problema para o Caribe, além de desembocar não só na abolição como também na independência haitiana em 1804. Sob a pressão de constantes insurreições de escravos em todo o Caribe desde então, e dos britânicos (desde 1808) no sentido da abolição do tráfico de escravos, esta primeira etapa foi caracterizada por abolições — com exceção da haitiana — “de cima para baixo”, isto é, ocorridas por pressão metropolitana em zonas ainda coloniais (Caribe britânico, holandeses e franceses), mas com indenização para os proprietários de escravos. A exceção foi Cuba, colônia espanhola, que com o colapso do Haiti como grande exportador de açúcar, se tornou a mais valiosa das regiões de *plantations*: apesar de forte pressão dos escravos locais, a escravidão resistiu na ilha até fins do século. O período 1790-1850 viu também a intensificação do abolicionismo europeu e do movimento — posteriormente em forma de guerra naval britânica nos mares e nas costas — contra o tráfico negreiro: desde a primeira abolição de tal tráfico africano (pela Dinamarca em 1804) até a do tráfico brasileiro de cativos africanos em 1850, pouco a pouco tal forma de comércio foi sendo extinta (sempre com a exceção de Cuba, que recebeu ainda africanos até 1865);

2) a segunda fase, de 1850 a 1888, foi a das abolições “difíceis” — isto é, ocorridas nas regiões onde uma classe dominante escravista se havia consolidado mais visivelmente: o Sul dos Estados Unidos, Cuba e o Brasil. Nos Estados Unidos, a Guerra de Secessão — ligada justamente à tentativa dos senhores de escravos de criar um país separado —, terminada em 1865, decidiu a questão com o fim definitivo da escravidão. Em Cuba, a Guerra de Dez Anos pela independência da ilha, terminada em 1878, libertou todos os escravos combatentes e enfraqueceu o escravismo, que no entanto só desapareceu de vez em 1886. No Brasil, o movimento de abolição,

muito lento, só adquiriu um ímpeto relativo a partir de 1871, para culminar numa quase rebelião aberta em 1886-1888.

Uma questão histórica importante é a seguinte: qual o peso dos próprios escravos e, mais em geral, da população negra e mulata (escravos e libertos) no processo da abolição nas Américas? Parece-me que não é possível, neste ponto, proceder a grandes generalizações que apontem num único sentido. As variáveis em jogo eram muitas — maior ou menor consolidação dos interesses escravistas, pressão mais ou menos intensa da Grã-Bretanha contra o tráfico (variável no tempo e no espaço), condições muito diversas da própria população negra e dos territórios (demografia, antecedentes quilombolas mais ou menos importantes, topografia que facilitava ou não as insurreições, grau de pressão no tocante ao acesso à terra, etc.) —, o que desembocou em movimentos históricos também muito diversificados. Se de novo quisermos simplificar, diremos que foi no Caribe que o papel de escravos e libertos no processo de abolição foi maior. No Brasil, antes da década de 1880, não se vislumbram diferenças essenciais nos movimentos de escravos em comparação com os séculos coloniais. No entanto, uma direção nova de pesquisa sugere uma grande intensificação das fugas e resistências individuais, o que estaria ligado à maior “crioulização” (isto é, maior presença de negros nascidos no Brasil), em especial findo o tráfico africano.

Outra grande questão histórica é esta: que relação mantém a abolição com o advento e a consolidação do capitalismo como modo de produção dominante a nível mundial? Sobre este tema, durante muitas décadas a tese de Eric Williams, que parecia demonstrar uma correlação positiva entre a ascensão do capitalismo industrial contemporâneo e a abolição do tráfico e da escravidão (como parte da destruição do mercantilismo típico da fase da acumulação primitiva de capitais), foi aceita como ponto pacífico. Na década de 1960, porém, muitas debilidades foram apontadas na comprovação empírica proposta por aquele autor antilhano. Assim, embora poucas pessoas duvidem de que, de algum modo, abolição e capitalismo plenamente desenvolvido devam estar ligados, exatamente como tal vínculo se deu é algo que, hoje, não sabemos explicar — ou pelo menos demonstrar — com clareza. Eis aí um importante e difícil tema para novas pesquisas; difícil porque sua comprovação cabal implica trabalhos de

investigação histórica voltados para três continentes pelo menos (Europa, América, África), abordando uma longa fase de complexo desenvolvimento.

Outro eixo de indagação da maior importância é: que significou, para o mundo do trabalho, a abolição? Era tradicional a resposta: significou a transição ao trabalho livre. No entanto, a coisa não é assim tão simples. Pode-se dizer que, finda a escravidão, instalou-se o trabalho *juridicamente* livre. Mas o trabalho *economicamente* livre é outra coisa: implica o fim das formas de compulsão e a existência de um verdadeiro mercado de força de trabalho. Ora, as pesquisas desenvolvidas no Sul dos Estados Unidos, no Caribe e no Brasil (aqui, sobretudo por José de Souza Martins) indicaram unanimemente que, pelo contrário, o fim da escravidão não significou o fim da compulsão. No Caribe houve mesmo um sistema aberto de “servidão temporária” de chineses, indianos, javaneses, etc.; o colonato paulista também não merece a designação de trabalho totalmente livre. Cada vez mais se percebe que, na História deste continente, a escravidão deve ser vista talvez como a mais importante — mas nunca como a *única* forma de *trabalho compulsório*. Se definirmos este último, seguindo a pesquisadora holandesa W. Kloosterboer, como uma forma de trabalho para a qual o trabalhador tiver sido recrutado contra sua vontade e/ou da qual não se possa afastar-se assim o quiser sem sofrer punição, torna-se forçoso reconhecer que o trabalho compulsório sobreviveu por muito tempo à abolição da escravidão nas Américas.

Minha intenção ao redigir este curto texto foi mostrar que a abolição da escravidão, tema que em certos manuais dá a impressão de algo historicamente claro e bem conhecido, pelo contrário constitui terreno de controvérsia, de mudanças às vezes radicais de perspectiva; além de conter muitos pontos obscuros. Às vésperas do centenário da abolição brasileira de 1888, pode ser útil mostrar que ainda há muito o que estudar, pesquisar e aprender acerca desse longo e essencial processo da História do continente americano. Mãos à obra, então!

Ciro F. S. Cardoso, Professor do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, autor de numerosos trabalhos sobre o tema, acaba de publicar *Escravo ou camponês? O Protocampesinato Negro nas Américas* (Brasiliense, 1987).

BOLETIM DO CENTENÁRIO - Abolição & República

Publicação Trimestral

Conselho Editorial
Beatriz Nascimento (Entrevistas);
Carlos A. Hasenbalg (Notícias);
Eduardo Silva (Artigo de Opinião)
Redator
Márcio Salgado
Projeto Gráfico
Angelo Venosa
Secretária
Maria Rosalina Oliveira Dumas

Redação: Rua da Assembléia, 10, sala 501, Rio de Janeiro, RJ - CEP 20011 - Tels: 224-8622, ramal 59 e 221-3536.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Apoio: Fundação Ford

Comissão Interinstitucional para os Centenários da Abolição e da República: Beatriz Carvalho (Museu Histórico da Cidade), Beatriz Nascimento (Grupo de Trabalho André Rebouças), Carlos A. Hasenbalg

(IUPERJ/CEAA), Charles Pessanha (IUPERJ), Eduardo Silva (FCRB), Helena Doldo Ferrez (MHN), Ismênia de Lima Martins (UFF), José Luiz Werneck da Silva (IFCS/UFRJ), José Murilo de Carvalho (FCRB/IUPERJ), Júlio César de Souza Tavares (IPCN), Leila Capella (AGCRJ), Lená Medeiros de Menezes (UERJ), Lygia Cunha (BN), Margarida de Souza Neves (PUC), Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (Instituto Nacional do Folclore), Marieta de Moraes Ferreira (CPDOC), Norma de Góis Monteiro (Arquivo Nacional), Paulo Henrique Oztório Coelho (FCRB), Renato Lemos (MR), Yvonne Maggie (UFRJ).

MEMÓRIA DA NEGRITUDE

Martinho da Vila no Barato dos Ancestrais

BC — Vamos começar pela África.

MV — A África é um continente desconhecido para o brasileiro de uma maneira geral. Primeiro porque a História que a gente aprendeu no colégio, a História antiga, Egito, Mundo grego, Itália, Portugal, vikings, tudo era emoção. Agora, quando fala de África, é um drama. Então África é uma coisa desconhecida e a minha primeira viagem internacional foi para Angola. Então era uma coisa assim muito maluca. Passei quinze dias lá. Isso aconteceu comigo, mas acontece com qualquer um que nunca foi lá. Quando chega, a cabeça gira.

BC — Gilberto Gil, quando chegou na Nigéria, ficou um mês em catarse permanente, chorando. Exatamente o mesmo tipo de reação que você teve.

MV — É. Eu fiquei assim. Porque meu barato era a primeira viagem internacional. Uma viagem internacional qualquer já balança o cara... rumo ao desconhecido. O meu lance não teve muito dessa emoção de fantasia, aquelas coisas muito dramáticas, de brasileiro. Eu cheguei lá, estava em casa. É uma emoção um pouco diferente. Eu passei o tempo todo assim meio em transe porque queria ver tudo o que era possível ver. Era um período revolucionário, do qual eu não tinha informações. Eu ia com um grupo, depois o português, na última hora, ensinou, notou a minha grande ansiedade de ir, impôs outras condições em cima da hora, eu aceitei e fui sozinho. Eu e mais ninguém.

BC — Em que ano foi?

MV — Em 71.

BC — Você foi para onde?

MV — Angola, Luanda. E aí fiz o primeiro espetáculo. Era um período confuso do qual eu estava sabendo muito por alto, como muita gente ainda não tem informação do que acontece lá e aqui, né? Eu fui fazer um número de espetáculo num clube chamado *Ngola Cine*, que é uma coisa mais de pobre e de negros. E foi um grande barato porque ninguém me conhecia. Eles conheciam a música, mas não me conheciam. Aí eu saquei essa parada logo e falei: "Deixa eu andar um pouco aí no meio do pessoal". E ficava andando... Ninguém sabia que eu era a grande estrela esperada. E aconteceu um fato muito interessante. A cerveja lá, era uma coisa nova e não tinha geladeira. Estava



Martinho, como quem não quer nada, é o artista brasileiro mais popular em Angola.

Fala mansa, jeito simples, o menino de Duas Barras conta tudo em entrevista concedida no dia 4 de junho de 1987.

todo mundo disputando cerveja quente. Eu chiei logo de cara. Aí o português: "Não sabes que não temos gileira?" (risos). Ganhei um esporro e fiquei na minha. Todo mundo estava bebendo na maior tranquilidade e eu pensei que fosse gelada, mas era quente. Antes não tinha nem quente nem fria, por isso quente mesmo era uma beleza! (risos). Tinha um grupo que era "Os Cunhas", um conjunto formado por baixo, bateria, percussão e reco-reco. Eu ensaiei antes um pouco com eles. Depois eu fui sentar lá no Teatro. O meu barato não era fazer show nenhum, o meu barato era ver tudo como estava acontecendo. Aí eu levantei e quando fui subindo as escadas o pessoal gritou: "Desce daí, rapaz, desce daí, vai começar o espetáculo!" Aí cheguei lá e cantei. Ficou o maior zunzun, porque na cabeça deles, até hoje, o artista tem um comportamento diferente do normal das pessoas. Então esperam o artista com uma roupa brilhosa, especial, porque do contrário, ele chega no palco e desaparece. Várias pessoas tinham me visto andando por lá, depois subi no palco com roupa normal, de todo mundo. Aí foi uma coisa estranha. Inclusive, depois do espetáculo: "Tá bem, tu cantas bem, mas cá para nós, tu és mesmo o Martinho da Vila?" (risos). E eles não acreditavam!

BC — Você ganhou todo mundo, não é?

MV — É, ganhei o pessoal. Aí depois, nesse mesmo dia, teve um grande lance. Por coincidência era 7 de setembro, dia da independência do Brasil e eu estava estreando em Angola. Lá no meio de uma música eu disse o seguinte: "Lá no Brasil nós estamos comemorando não sei quantos anos da nossa independência. Espero que quando voltar aqui vocês também estejam fazendo a festa." Não foi planejado, foi uma coisa espontânea, mas esse era o grande grilo da parada! Eu senti primeiro aquela parada do silêncio e depois aquelas palmas, uma coisa muito nervosa no ar, entendeu? Isso aí foi o grande gancho com muita gente que é dirigente hoje e que estava lá fazendo o movimento revolucionário. O mundo das favelas, estava todo mundo lá...

BC — Você teve contato com gente de música lá?

MV — Essa coisa ainda não estava organizada, né? Eles são ainda crianças. Doze

anos de independência... É que nem pegar uma criança e dar um brinquedo. De repente ela tem que consertar o brinquedo, manobrar, ligar... então tudo foi feito na base do improviso. A música está em segundo plano, quer dizer, não tem nenhuma atividade artística, profissional, não existe. Existe atividade artística muita, mas na base do lazer, nas casas. O pagode seria o baile que nós tivemos com uns conjuntos que tocavam calipsos, aqueles boleros misturados com semba, que é uma música deles, que também é merengue.

BC — Samba?

MV — Semba. É merengue praticamente. O samba, já agora eles fazem um pouquinho de samba e coisa e tal. Inclusive essa batida de samba já é um negócio difícil, mesmo se você pegar dez músicas aí que tocam mais ou menos, fazer uma batida de samba legal, não faz, não é?

BC — É só pra quem tem a batida na veia mesmo, não é?

MV — É. Então eles estão muito por aí. Agora existe atividade artística desenvolvida bastante. Tanto lá como em Moçambique, porque nas fábricas, nos hotéis, eles têm uma hora de almoço e mais uma hora para desenvolver atividades artísticas: a dança, o canto, essa coisa toda. Então qualquer fábrica tem o seu grupo de dança, o seu balé popular. Todo lugar tem. Não a nível profissional, mas a esse nível, tem um avanço até maior do que a gente aqui. Para você achar um grupo aqui que dance frevo, é uma dificuldade! Um grupo que dance um jongo, uma capeira, um maculelê, ih! você tem que procurar! Lá não, tem todas as atividades. Já faz parte da atividade normal.

BC — Quando você foi para a África como disse, você não levou nenhuma informação do sistema educacional sobre aquele continente. E da tradição familiar, que notícias você tinha sobre África, escravidão, essas coisas? Isso era assunto na sua casa?

MV — Eu, sinceramente, não tive muito contato com isso e creio que, quando aconteceu com um, acontece com centenas. Então eu acredito que na minha geração, essa coisa estava meio abolida, esse papo estava fora de conversa. Ninguém falava de escravidão. Esse assunto que nós estamos falando aqui, de negritude, isso é coisa muito recente no país, é mais novo do que o Partido Comunista, mais perigoso de falar do que no Partido Comunista (risos). Como é que a gente ia ter contato? Era um assunto abolido, porque as famílias que tinham vivido essas coisas, dificultavam o acesso. Entendeu? Então sempre houve um processo de embranquecimento proposto pelo sistema e também pelas próprias famílias que não queriam ver os filhos com dificuldade de conviver com os da outra classe. Tinha mais ou menos aquele comportamento, aquelas coisas. Todas as coisas de negro, não a nível político, assim de discussão do

assunto, mas até manifestação artística ou religiosa, eram proibidas há poucos anos atrás: candomblé, umbanda. O samba era uma coisa marginal há uns quarenta anos, talvez. Vocês que são historiadores podem depois pesquisar isso melhor. Essa coisa que se faz hoje no fundo de quintal, era da mesma forma. Só que nós fazíamos hoje na sua casa. Quando a polícia descobria, metia porrada em todo mundo e tal. Aí depois a gente passava um tempo sem fazer na casa dele. A vizinhança: "Tem uns negros africanos fazendo um samba, etc. e tal." E aí a polícia reprimia. Aí nós íamos todos para a casa dela. Era uma coisa assim. E isso há muito pouco tempo.

BC — Isso em Vila Isabel.

MV — Vila Isabel não, no Brasil todo!

BC — Como era essa coisa no seu tempo, na sua vida?

MV — Foi na cidade de Duas Barras, onde nasci. Menino, com três anos e pouco vim para o Rio: Boca do Mato, Serra dos Pretos Forros, lá em Lins de Vasconcelos. Era uma favela meio interiorana, porque não era uma favela de muitos barracos, era um morro, não era uma favela. E as pessoas que estavam vindo do Estado do Rio, porque a favela era formada por gente de fora, de outros estados, tipo o cara que vem trabalhar no Rio. Aí vai trabalhar numa fábrica, numa obra, e vai morar onde? Numa favela. Aí o outro que é da cidade dele, quer vir para o Rio também, vai morar nessa mesma favela que já tem alguém que conhece. Então vão formando redutos. As favelas têm reduto do Norte. Se quiser o folclore brasileiro todo, não precisa sair do Rio. Vai nas favelas que tem. Então essa favela foi formada muito com gente do Estado do Rio. E grande parte de Duas Barras. O pai foi pra lá, o tio foi pra lá, o outro primo foi, então tinha uma parentada grande lá. E gente que não era parente, mas que foi. A gente convivia nessa coisa de morro. E depois foi criada a escola de samba. Nesse período a escola de samba ainda era uma coisa marginal. Não era uma coisa proibida, no meu tempo, mas ainda era uma coisa marginal. Se tua mãe soubesse que você estava namorando um rapaz que desfilasse em escola de samba, pô... Conselho de família! (risos) Ah! isso tem, deixa eu ver, trinta anos. É recente. Quem tem trinta anos hoje é uma criança. E daí quando eu fui pra música, então eu fazia música pra escola de samba, pra um grupinho e tal. Mas não era nada profissional. Entrei pra música de repente, através do festival da Record.

BC — Mas você já fazia sucesso no morro...

MV — Ah, eu já era um cara manjado ali, fora do morro mesmo, na Mangueira, na Portela, no Império, nesses cantos todos, eu já era famoso, no meio do samba, por que não? Naquele período as escolas de sambas tinham dois, três compositores. Não é como agora que na Vila Isabel tem noventa. E os compositores eram aquelas pessoas que lidavam com a escola de samba, que

carregavam aquilo nas costas desde o início. Quem fazia os sambas eram os mais antigos, como tudo naquele período eram os mais antigos. O chefe de não sei o quê lá, o doutor médico, não podiam ser jovens, tinham até que ter um comportamento envelhecido, barba, etc. Então eu tinha dezessete anos e fiz um samba-enredo para essa escola de samba, *Aprendizes da Boca do Mato*. Isso era um acontecimento porque eu com dezessete anos, além de ser muito novo, era muito miudinho. Então parecia um garoto de treze anos. Então isso correu na cidade. Tinha um reduto ao lado da Boca do Mato, que era o Lins de Vasconcelos, que era um reduto mais respeitadão, que era *Cabuçu*, *Lins de Vasconcelos*, *Cachoeira Grande* e *Cachoeirinha*, *Unidos do Cabuçu*, *Filhos do Deserto* e *Flor do Lins*. Então eu vivia naquele morro ali, que era um morro que tinha contato com a Mangueira, ficava lá cantando os sambas, por ali, não sei o quê. Então isso correu. Corria pro Rio. Então o samba da Boca do Mato ia fazendo parte de gente da Mangueira, da Portela.

BC — E o festival da Record? Não projetou você?

MV — O festival era o grande acontecimento musical do Brasil. Foi Solano Ribeiro que descobriu o ovo de Colombo. Todos os grandes compositores mandavam músicas para concorrer por trinta e seis vagas. E os principais intérpretes do país cantavam as músicas. Ficava uma coisa muito forte. E não sei por que, não tinha uma característica de ser um festival da Record ou de um grupo empresarial. Não sei como conseguiram passar aquilo como se fosse uma coisa nacional. Discutia-se música como se fosse futebol. Tinha torcida. Eu entrei nesse festival. Estava no meio artístico de repente, mas eu era totalmente fora desse meio, porque o meu meio de música não era uma coisa, não era gramática, o samba não tinha essa projeção. Era tudo muito à parte. De repente eu me via ao lado de algumas estrelas que espantavam...

BC — Como é essa passagem de artista de comunidade para artista nacional, absorvido pelos grandes meios de comunicação, divulgado pelas gravadoras e tudo mais?

MV — Foi um acontecimento, a maior notí-



cia. Nessa altura eu já estava em Vila Isabel. Já estava me mudando da Boca do Mato para Vila Isabel. Cheguei lá em 66, tinha um ano de Vila e eu era sargento, servia no Ministério do Exército. O Brasil todo via o Festival. Então a minha cara apareceu lá na televisão e começou uma romaria de gente na minha seção para conhecer o Martinho. Atrapalhava o expediente na repartição, era um negócio fantástico. Depois, no ano seguinte, ganhei o samba-enredo da Vila. Até então eu só tinha feito samba para escola pequena, e as escolas estavam ganhando projeção maior. A Vila fez um desfile fantástico: *Carnaval de Ilusões*. "Ciranda, cirandinha..." (cantando). Pela primeira vez a Vila coloriu as escolas, misturou cores, botou um enredo que não era História do Brasil, então deu uma grande discussão. 1967 foi um ano marcante: eu virei notícia mesmo! (risos). Sem falar que lá no Festival, todo mundo que mandava música já ficava lá, coringando... Era gente do meio. Aí nego se mudava lá pra São Paulo. Eu não calculava que a música fosse entrar, então desliguei. Faltavam uns quinze dias para a apresentação das primeiras doze músicas selecionadas e eu ainda não tinha chegado. E era o único que ainda não tinha aparecido em São Paulo. Era a grande curiosidade: Quem é esse cara que tá com uma música aqui, que é o ovo de codorna, que é o grande lance, que ganhou na loteria e não foi buscar o prêmio! Quando cheguei em São Paulo, a imprensa nacional já tinha feito a festa com toda essa gente mais famosa e então só deu Martinho! Ficou uma coisa meio maluca, um cara meio anônimo de repente vira, num ano, uma coisa assim.

BC — Vamos voltar um pouco nessa coisa de raiz. Primeiro foi a sua formação no reduto mineiro da Boca do Mato. É isso? Depois essa identificação muito forte com Angola. É com Angola, não é?

MV — É com Angola. Você sempre ouviu falar de Angola. O Rio de Janeiro é um reduto do pessoal de umbanda. E a umbanda é uma coisa que vem do *kimbundo* que é de Angola. Então todo mundo ouviu falar. Angola, Luanda, Angola... Todo mundo ouviu falar muito, todos os negros aqui do Rio.

BC — Qual é o nível dessa identificação? Você está fazendo uma coisa e diz: "Isso vai fazer sucesso em Angola?"

MV — Eu nunca transe por aí. Em nada eu penso por aí. Eu faço uma coisa por fazer. Eu apresento lá um espetáculo daquilo que eu propus apresentar.

BC — Você contou a primeira viagem em 71, antes da independência. Depois você voltou todo ano?

SEMBA DOS ANCESTRAIS

Se o teu corpo se arrepiar

Se sentires também o

sangue ferver

Se a cabeça viajar

(...)

Se comeres fungi kisaka e

mufete de cara-pau

Se Luanda te encher de

emoção

Se o povo te impressionar

demais

É porque são de lá

os teus ancestrais

Podes crer

No axé dos seus ancestrais

MV — Vou contar mais um pouco um lance bastante curioso. Desse primeiro ano aí. O primeiro espetáculo, eu já contei. O segundo foi no *Cine Aviz*, hoje *Karl Marx*. Um tipo de cinema aberto, que o teto pode sair, ficar livre, essa coisa toda. Lá era da elite portuguesa. Aí também eu já tomei pé mais um pouco, tá entendendo? Saquei que eu já tinha feito um espetáculo para uma classe e agora pra outra, sabe? Aí eu peguei e falei com o cara lá: "Tem uns amigos meus e eu queria que eles entrassem, eles estão lá fora e tal." Ele não podia negar, né? Cheguei e tinha uma porrada de gente que não podia entrar. Então eu cheguei lá e disse: "Vamos embora, pessoal!" (risos). Foi um grande barato! Depois os portugueses estavam com muita responsabilidade. Quatro anos antes da independência era um período de guerrilha mesmo, o couro tava comendo e não se podia fazer um programinha. Era jantar no restaurante e dormir cedo. Mas nesse lance todo, o pessoal querendo me convidar para ir a um lugar e os portugueses não podiam me levar. Aí começou a confusão. Então eu falava que ia dormir, descansar às dez horas e tal. Eu ia embora e daqui a pouco passava um, me pegava, aí eu ia lá pro Sambizanga, que era o QG da favela e o QG da conspiração. Tudo era lá, sabe como é que é? O Sambizanga, até hoje tem uma força grande. Chego no Sambizanga e tô em casa, é o maior barato! Comia peixe... as pessoas comentam

um pouco isso, porque mesmo nós não estamos acostumados a ver uma vedete internacional sair pela rua, pra tomar cerveja no Amarelinho, essas coisas não acontecem, não é? Já tinha ido muita gente em Angola: Agostinho dos Santos, Angela Maria, Caubi Peixoto, mas tudo com comportamento de... aliás do jeito que tem que ser mesmo: o mistério faz parte. Então isso tudo me botou igual lá. Em Angola eu sou que nem em Vila Isabel, qualquer lugar. É o grande lance. Aí o pessoal lá, conversando com o pessoal no Sambizanga. Eu tinha esses dois shows em Luanda mais um show em Benguela, na região central, depois no sul, outro show em Uambo. Uambo na época era Nova Lisboa. Outro show no sul, em Moçamedes, hoje Nanibe. Lá no Sambizanga eu falei: "Pô, tô zangado, tenho que andar de avião por aí, eu não vim pra África para viajar de avião, eu vim aqui para andar, conhecer as coisas." Meu negócio não era fazer show, era conhecer todo mundo, aquelas coisas. Aí uns caras lá falaram: "Martinho, fala lá com os portugueses que você não quer ir de avião, que quer ir por terra, porque tem estrada e eles te levam. A paisagem é muito bonita e dá pra você fazer isso tudo por terra." Então eu falei para os portugueses: "Eu vou por terra!" Eu não estava sabendo que lá é que estava a confusão. "Não dá pra ir por terra! É muito arriscado! Tu não sabes, olha a distância!" Aí eu falei: "Olha aqui ó, então não vou, fico aqui." "Mas não podemos, porque está anunciado e tem muita gente para assistir..." "Ou eu vou por terra ou não vou!" Eu tinha que fazer um jogo duro pra caramba. Aí eles falaram: "Tu não sabes, nós estamos em guerra. Aí estão os comunistas e os não sei o quê" (risos). E eu falei: "Eu não tenho nada com o problema da guerra, eu não tenho nada com o problema dos comunistas, eu só sei que eu quero andar por terra, não vim aqui pra fazer show, quando vocês disseram para não trazer conjunto, que não sei o que lá mais, eu topei tudo, baixei o preço, não ganho quase nada. Eu quero é andar". Chegaram à conclusão, no outro dia, que se cancelassem, ia ter um grande problema. Mas esse papo chegou até o pessoal do MPLA e outros grupos que estavam lutando pela independência: "Diz pra eles que com você não tem problema" (risos).

BC — E você disse isso pra eles?

MV — Não, só falei que queria ir de qualquer maneira e pronto. Aí fomos. Acontece que aí eu queria parar em todo lugar. Cada coisa que eu via era uma coisa nova. Eu ficava encantado. Junto comigo estavam "Os Cunhas". Era um carro que tinha um motorista português chamado Tacanha, muito forte, e eu, e "Os Cunhas", que ainda estão lá em Angola e podem com-

provar isso. O português com um medo desgraçado, com toda a razão, né? (risos). Mas eu estava no espaço, o maior barato. Teve uma hora, numa estrada entre Libambo e Nanibe, que eles falaram: "Olha um bando de mascarados... vamos tocar direto porque aqui não pode parar, é perigoso." Mas era uma distância longa e chegava um ponto que não aguentávamos mais o balanço, sol... eu fingia que estava dormindo, "Os Cunhas" roncavam e eu daqui estava vendo uma aldeia lá longe. O motorista parou na sombra de uma árvore lá que devia ser um umbuzeiro, deu aquela paradinha pra descansar. Foi parar e dormir. Eu dei um tempinho e saí de lá (faz gesto furtivo). Entrei na estrada, achei uma trilha e fui indo pro meio do mato. Eu estava meio fora do espaço, viajando. Daqui a pouquinho eu olho e vem um grupo de mulheres assim peladas, com umas coisas na cabeça. Eu parei e elas fizeram uma fila, uma atrás da outra. E eu: "Oi, tudo bem? Boa Tarde!" Ninguém falava. Aí eu segui o rabo da fila e fui na aldeia deles.

BC — Que aldeia?

MV — Ah, eu não sei. Não tenho a menor idéia. Quando cheguei lá, quando tava chegando, apareceu um negão. Parei, mas não voltei. Eles ficaram curiosos. Os nativos ali, que nem minha avó que veio da África, o maior barato! Daqui a pouquinho eu estava no meio da aldeia. Eles não falavam português, mas tinha um que falava um pouquinho, já tinha estado em Luanda, não sei o quê. Aí conversamos. E ele: "Você está vindo da onde?" Eu: "Brasil! brasileiro! avião!" (risos). Aí depois conversando com ele: "Não, eu vim fazer show, no Sames." E quem trouxe você? Aí eu escutei uma buzina de automóvel, longe pra caramba. Aí eu falei: "Ah, são meus amigos. Quer fazer um favor? Dá um pulinho lá, diz a eles para virem cá." E o cara foi. Quando os portugueses chegaram e me viram naquele lugar, estavam em pânico! E eu, numa boa! Isso parece mentira, parece até um filme, mas é uma grande verdade. É uma coisa fantástica. Eu fiquei lá e tal, aí é que eu notei o quanto tinha andado, porque você vai andando, você não tem noção. Na volta é que você tem. Eles falavam: "Aqui é perigoso, tem animal selvagem..."

BC — Martinho, como foi essa experiência de se sentir em casa no meio da África? Perdido numa aldeia e em casa ao mesmo tempo?

MV — Pois é, é uma coisa meio maluca, mas eu estava numa boa.

BC — Martinho, você se importa de voltar ao Brasil agora?

MV — Não, tudo bem.

BC — Você acha que o crescimento da cidade dificulta seu lance com samba, a busca da inspiração?

MV — Deixa eu pensar um pouquinho aqui porque eu viajei para a África. Deixa eu

entender o que você quer. Não... com relação ao samba, o estágio atual é muito melhor. Tem até uns colegas que divergem muito de mim nesse sentido, que acham que a escola de samba tinha que permanecer daquele jeito. Eu acho que as escolas daquele jeito ainda existem, só que elas não são essas que a gente fala. Antigamente, desfilar em escola de samba era uma coisa marginal. Um rapaz com uma cabeça mais arejada que subisse o morro e desfilasse na *Unidos de Lucas, Aprendizes de Lucas*, era um maluco. Hoje, em qualquer salão, por mais elegante, por mais intelectual, por mais rico, por mais preconceituoso que seja, o Darci da Mangueira, o Davi Correa, a Neuma da Mangueira, uma porta-bandeira, vira atração. Todo mundo corre para falar com eles, todo mundo querendo, perguntando como se faz para sair em escola de samba. É o inverso, entendeu? Uma pessoa que era marginal aí passou no processo de integração social, miscigenação, escola de samba...

BC — Você acha que o samba traz felicidade para as pessoas?

MV — O samba traz. O samba é como as necessidades vitais do homem enquanto ser humano. Alimentação para sobrevivência física, quer dizer, o trabalho é para o exercício dele, movimentar o corpo e tal. Tanto é que o pessoal antigamente de uma tribo lá do outro lado ia buscar as coisas lá longe. E a outra necessidade vital, qual é? Dançar, cantar, soltar o corpo. É necessidade mesmo! Então o samba traz felicidade porque é a hora em que as pessoas se soltam, dançam, todos os primitivos dançam e cantam muito. Então o samba traz felicidade.

BC — Como é essa coisa do cantar pra você?

MV — Há pouco tempo eu assumi o meu lance de cantor. Meu grande lance sempre foi ser compositor, sabe? Assumi há pouco tempo. A primeira vez que me chamaram pra gravar um disco, eu pensei que estavam me chamando pra mostrar umas músicas para algum cantor gravar. Quando eles falaram que era cantar, eu não queria de jeito nenhum. Não, cantar, que é isso? Eu nunca sonhei, cara! Por isso nunca tive ídolos que eu pensasse: Se eu cantar um dia vou por aqui... Então fui pego de surpresa e jogado num estúdio para cantar. O Romeu Nunes ficou lá dirigindo. Fizemos uma fita com não sei quantas músicas e ele escolheu doze, e fomos para o estúdio. Eu levei lá o pessoal, os cavaquinhos, o violão, ninguém ali era profissional de gravar, de nada. Manoel do Cavaquinho, Darci da Mangueira...

BC — O primeiro disco...

MV — O primeiro disco. Eu cantei livremente. E ficou uma marca. Hoje já são vinte anos de palco, de cantar, de espetáculo. Eu já tenho um posicionamento artístico no palco. Eu hoje consigo fazer

um show que vocês chegam lá e vão jurar por Deus que eu cheguei ali e fiz aquilo na hora. E já não foi: tudo transadinho, sabe como é que é? Bebo café na hora que tem que beber, na música tal e não sei o quê. Mas eu comecei fazendo essa coisa despojada, só que transada, senão já tinha acabado também. Você queria falar de outra coisa?

BC — Não, só o papel que você teve na organização do Kizomba.

MV — Na segunda vez que eu fui à Angola, foram oito anos depois. Aí o país já estava independente. Mas eu era ídolo lá, como artista. Foi uma caravana brasileira pra fazer um espetáculo. Já tinha quatro anos que não ia artistas lá. Então o Fernando Faro chamou o Chico Buarque e eu para organizarmos uma grande caravana de artistas de todas as tendências da nossa música... Do lado do samba tinha o João Nogueira, o conjunto Nosso Samba, Dona Ivone Lara, a Clara Nunes. O Chico buscou o pessoal: o Edu Lobo, o Novelli, Olívia Hime, Francis Hime, o Quinteto Violado. Formamos um time e foi uma caravana grande pra Angola, um grande barato. Depois disso eles me convidaram: "Aí, Martinho, quando você quiser vir à Angola, é só click! já está lá." Então eu voltei à Angola dois anos depois pra passear e tal. Me chamaram lá. Uma metidez passear em Luanda, quem não vai querer? Até minha mãe, que não era boba. Lá eles começaram a falar que havia necessidade de maior aproximação Brasil/Angola que queria vir ao Brasil, perguntando como é que fazia, se eu podia ajudar. Então eu trouxe pela primeira vez um grupo angolano ao Brasil, criei o projeto "Canto Livre de Angola", fizemos um disco e uma apresentação na Sala Cecília Meireles, uma das primeiras vezes que ali tocou uma coisa popular. Fizemos um negócio abrangente, desde a Sala Cecília Meireles até a quadra do Império. E foi uma coisa de chorar. Eu fazia um espetáculo ao contrário. As coisas mais fortes, os atores melhores, as coisas mais do samba, os conjuntos que balançam mais eu botei no início. Porque eu saquei: vou pegar esse pessoal pela emoção. E a parte mais difícil, que era a que os caras cantavam em *kimbundo*, que era coisa mais dos instrumentos pequenos, eu fui botando no final, diminuindo até chegar num velho sozinho, que cantava ele e mais uma sanfoninha que ele trouxe. Era o final do espetáculo. E ele chorava, sabia? Era fantástico. Depois me chamaram para ir lá cantar, eu cantei por lá e tal. E continuei fazendo isso. No ano seguinte fizemos o primeiro *kizomba*, em 84. Aí me chamaram em Angola e falaram assim: "Se você quiser organizar umas coisas, está liberado. Avião você tem pra levar o pessoal aonde quiser." Aí fizemos uma *kizomba* grande. Trouxemos gente do Congo, de Moçambique, de Angola, da Nigéria, da Guiana Francesa e um grupo da África do Sul que estava sediado na Zâmbia, que é um grupo musical pertencente ao Congresso Nacional Africano, o ANC. Uma família grande. Depois, no ano seguinte, fizemos de novo o "Canto Livre" só com o pessoal de Angola. E no ano

passado fizemos a segunda *kizomba*. Aí trouxemos um grupo de Angola, um outro grupo. Diminuí porque aquilo lá dá muita mão de obra, sabe? São seis países e duzentos e tantos caras pra tomar conta, não é mole. Ficou ruço! E fora o prejuízo, que tive que trabalhar uns três anos para pagar essa botinha. E aí trouxemos um grupo de Angola, de novo o ANC e queria trazer um grupo da SWAPO, mas artisticamente eles não estavam preparados. A SWAPO tem balé que é dos mais fantásticos. Trouxemos eles e trouxemos um grupo de gospel dos EUA que também nunca tinha cantado no Brasil. E foi uma maravilha. E fizemos a *kizomba do ano* passado.

BC — Martinho, é você que tem um monte de filhos adotivos?

MV — Não, eu tenho seis filhos só. Filhos meus, não são adotivos.

BC — Só uma coisa em cima do Centenário. Tem gente que fala em comemoração e outros que falam em reflexão. Na medida em que continua havendo racismo, como é que você se posiciona?

MV — Eu acho que Centenário é um ano marcante para o Brasil como um todo, então quem dirige este país tem que pensar nisso. Para o Movimento Negro, todas as facções do Movimento Negro, o treze de maio é uma data de reflexão, não de comemoração, de euforia, de festa. É uma data que não pode passar em branco.

Na minha opinião deve haver um ato oficial do Congresso Nacional, um ato oficial das Câmaras dos Deputados, de todo o país, uma coisa assim para marcar. O pessoal dos movimentos faz os seus encontros para discutir a participação negra na sociedade, como é que estamos hoje, como é que fomos. Rever um pouco essa história, porque essa história foi pouco falada. Fazendo isso, o treze de maio está coberto. Em novembro, que é a data que o pessoal quer festejar, organiza-se uma festa nacional. Zumbi dos Palmares é o símbolo da liberdade, porque Zumbi não é símbolo só da negritude não: é o símbolo da liberdade no Brasil pra nós, hoje. No Quilombo de Palmares tinha brancos, índios, tudo. Nós queremos festejar é em novembro. E queremos atos, reflexões em maio.

BC — Como você vê a questão da África do Sul?

MV — É complicadíssimo. Vai demorar um pouco a África do Sul. Um líder que eu não me lembro agora, assim como Moisés, ele falou pros boers, que são de uma raça holandesa que estava espalhada pelo mundo, que assim como a Palestina era para os palestinos, Israel para os judeus, que a deles era a África do Sul. O sul do continente africano. E ele conseguiu levar essa gente pra lá, a nível de religião. Ele fez a cabeça do pessoal e foi passando de geração em geração. Então aquele pessoal acha que a terra é deles mesmo, a terra prometida, essas coisas todas. E que os negros são

invasores dali e que não são pessoas, são animais. Bem, como o país é muito rico, eles conseguiram com a ajuda de outros países fortalecer essa gente a nível militar e tomar conta do poder do país. Montaram o *apartheid*. Bem, o *apartheid*, para terminar, é condenado pela ONU. Vamos a nível só desse pessoal. Agora isso é de gerações, não foi de agora. Eles são brancos, mas no duro são africanos mesmo, ou não são africanos? Todo japonês que vem pra cá, neto dele é brasileiro que nem eu. Ou não é? Então eles são africanos realmente. E quando der o *apartheid*, que está próximo, esse vai ser o grande problema: o que fazer com os brancos? Bom, esse negócio é pra malandro ganhar dinheiro, né? E essa gente, o que faz com eles? Como arranjar um lugar pra eles, se aquele pessoal nunca saiu dali, nunca viajou, não quer sair? São fanáticos, assim como religioso que fala: "eu morro, mas não tomo transfusão de sangue." É um problema grave, que vai acontecer com o *apartheid*. O problema é da riqueza do solo, que eles, estando livres, pelo andamento do momento, serão socialistas. Então o mundo capitalista tem interesse lá. É o problema econômico que é o grande lance. Se essa riqueza toda é do bloco socialista ou do bloco capitalista. Esse é o lado político. Eles não chegam a um acordo nessa parada. Isso aí é entre Reagan e Gorbachev. Inclusive o Brasil não rompe relações porque tem interesse econômico na África do Sul. Então isso é um problema difícil, mas acredito que será solucionado em pouco tempo, porque eu ainda pretendo tomar uma cerveja gelada na cidade do Cabo.

ESCRAVOS OU LIBERTOS

O Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro programou para o próximo ano o lançamento do *Inventário Analítico da Série Escravidão* e a exposição fotográfica *Escravos ou Libertos*?

O Inventário Analítico abrange um total de 8.025 documentos relativos à escravidão na cidade do Rio de Janeiro no período de 1729 a 1888. Os documentos, produzidos ou recebidos pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, permitem reconstituir as relações estabelecidas entre poder público e escravidão na antiga capital brasileira. A exposição fotográfica será composta de reproduções de imagens dos últimos anos da escravidão na cidade do Rio de Janeiro. A inauguração está prevista para abril de 88 e a exposição poderá ser exibida em outras instituições, mediante solicitação.

CONSCIÊNCIA E LIBERDADE

A Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo inicia em novembro o

projeto "Consciência e Liberdade" que consistirá somente de atividades ligadas ao tema centenário da abolição da escravatura no Brasil. O objetivo é promover a discussão sobre os valores culturais afro-brasileiros, tendo em vista a contribuição do negro na formação da cultura brasileira e propiciar uma reflexão sobre a situação do negro no período pós-abolição.

Para essa primeira etapa estão programados shows, oficina de dança, exposição de máscaras e de fotografias, filmes, ciclos de debates, além da realização do II Perfil da Literatura Negra/Mostra Internacional de São Paulo, que visa ressaltar a contribuição de escritores africanos no processo.

No decorrer do próximo ano será desenvolvida, dentro do projeto "Consciência e Liberdade", uma vasta programação com exposição fotográfica da memória e cultura negra, pesquisa sobre a situação do negro no Estado de São Paulo, encontro de samba, além do III Festival Kizomba e outros eventos.

USP

O Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP promoverá, de 31 de julho a 3 de agosto de 1988, o *Congresso Internacional sobre a Escravidão*, tendo como objetivo o redimensionamento dos estudos sobre o assunto, com ênfase na interdisciplinaridade e no ângulo comparativo.

GOIÂNIA

Realizou-se, em Goiânia, entre 30 de outubro e 2 de novembro, o I Encontro do Negro do Centro Oeste, quando se discutiu como tema principal "O negro e os 100 anos de abolição". O encontro serviu também para se fazer uma avaliação do movimento negro nacional e regional, discutir e avaliar os principais problemas que atingem a comunidade negra, e articular o intercâmbio dentro da região Centro Oeste, enfocando a realidade de cada Estado.



Ilma. Sra.

Profa. Beatriz Nascimento

Rua Bartolomeu Portela, 25/C - apto 306

22290 - Rio de Janeiro - RJ

Boletim do Centenário

Sim, desejo continuar recebendo o BOLETIM DO CENTENÁRIO (Abolição & República).

Nome: _____
Instituição: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Tel.: _____
Profissão: _____

BOLETIM DO CENTENÁRIO
(Abolição & República)
Rua da Assembléia, 10
Sala 501 CEP 20011
Rio de Janeiro — RJ
Tels.: 221-3536
224-8622, ramal 59

LINHA DE PUBLICAÇÕES

Como parte das comemorações do Centenário da Abolição, a Fundação Casa de Rui Barbosa está preparando para o ano que vem uma coleção de quatro trabalhos considerados clássicos, mas cujo acesso tem sido prejudicado seja pelo estado de conservação das edições originais, seja por barreiras linguísticas: *O Congresso Agrícola* (1878); *L'Esclavage au Brésil*, de Louis Conty (1881); *Le Brésil et Java*, de C. F. Van Delden Laerne (1885) e, finalmente, *A Escravidão no Brasil*, de Agostinho Marques Perdigão Malheiros.

Cada volume, com estudos introdutórios e notas, estará a cargo de um especialista da área, tanto da Fundação quanto de instituições congêneres.

CINEMA NEGRO

A Corisco Filmes inicia o projeto *Levantamento da Presença do Negro no Cinema Brasileiro*, com apoio da Fundação Ford, e que visa, principalmente, levantar e catalogar a produção cinematográfica que aborda a presença do negro na vida nacional.

A coordenação do projeto é de Roberto Moura. Solicita-se a quem possua informações, arquivos, mate-

rial iconográfico sobre o assunto, entrarem em contato com Cida Dacosta e Ana Lobato, na Corisco Filmes, rua Pedro I, 4gr/302; tel.: 224-1140; CEP 20060; Rio de Janeiro.

RELIGIÃO E NEGRITUDE

O Instituto de Estudos da Religião — ISER, está desenvolvendo o programa Religião e Negritude Brasileira, com base nos sinais de negritude presentes nas tradições religiosas e na busca de uma identidade negra.

No momento, o ISER lança um catálogo das entidades do movimento negro e publica um perfil preliminar da sua atuação no Brasil de hoje. Além das assessorias que o programa vem prestando a diferentes grupos religiosos, estão em andamento as seguintes pesquisas: *Cantando pra Subir*, sob a responsabilidade de Caetano Damasceno; *13 de maio - 20 de novembro e Profissão: Mulata*, sob responsabilidade de Micênio Santos e Sônia Giacomin, respectivamente.

O programa é coordenado pela antropóloga Caetana Damasceno e funciona no Largo do Machado, 21 cobertura; tel.: (021) 265-5747; CEP: 22221, Rio de Janeiro.

DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE

A Fundação Casa de Rui Barbosa, em conjunto com o Consulado Geral dos Estados Unidos, realizou, de 24 a 27 de agosto último, importante ciclo de debates com o historiador negro John Hope Franklin, doutor pela Universidade de Harvard e "James B. Duke, Professor Emeritus". Os debates giraram em torno da escravidão nos Estados Unidos e a questão racial em nossos dias.

ABEA

A Associação Brasileira de Estudos Americanos — ABEA realiza de 27 a 29 de abril do próximo ano, na Universidade de Ouro Preto, a IV Jornada de Estudos Americanos abordando o tema "Negritude e Identidade Nacional nas Américas".

A jornada contará com a participação de vários especialistas brasileiros e norte-americanos. Maiores informações com a professora Nancy Priscila Naro, do Departamento de História da UFF (tel.: (021) 719-4194), e professora Glória Lacava, do Departamento de História da PUC — RJ (tel.: (021) 529-9259).